

Como Estudar os Quatro Evangelhos

W. H. Griffith Thomas

Traduzido e adaptado por: Samuel Falcão

São Paulo - 1953

Casa Editora Presbiteriana

À GUIA DE PREFÁCIO

Empreendemos a tradução desta excelente obra de Griffith Thomas a fim de enriquecer, de algum modo, a literatura evangélica em português. As obras de nosso autor são especialmente notáveis por seus sugestivos esboços, que nos ajudam a ter uma ideia de conjunto das várias partes da Bíblia, e dentre elas se destaca esta breve e rica análise dos quatro Evangelhos.

Fizemos a presente tradução para o uso do Instituto Bíblico do Nordeste, mas estamos certos de que será de utilidade para quantos se interessam pelo estudo da Palavra de Deus.

Esperamos que esta tradução seja apenas o início de uma série de traduções das excelentes obras de Griffith Thomas, inegavelmente um dos mais prolíficos e inspirados autores que escreveram sobre a Bíblia.



Recife, 30 de outubro de 1950

Samuel Falcão

Observação: como este livro é muito antigo - escrito em 1924 e com edição esgotada de 1953 -, decidi digitá-lo para disponibilizar a alunos (discípulos) dos nossos cursos bíblicos. A minha cópia deste livro está amarelada e com manchas de oxidação. Antes que se deteriorasse mais, estamos preservando o conteúdo por ser um livro fundamental para a compreensão dos Evangelhos.

COMO ESTUDAR OS QUATRO EVANGELHOS

O coração da Bíblia e do Cristianismo é “Emanuel” – “Deus Conosco”. Por este motivo, podemos talvez dizer que os quatro Evangelhos são o centro da Bíblia, porque neles é que temos a vida terrena e a obra de nosso Senhor, na realização de nossa redenção. Tudo o que precedeu os Evangelhos, no Antigo Testamento, foi uma preparação para o aparecimento de Emanuel; e tudo o que se seguiu no Novo Testamento, foi consequência desse aparecimento. Podemos, portanto, dizer que os Evangelhos são o ponto convergente e divergente das Sagradas Escrituras. Este fato prova a suprema importância do estudo e do conhecimento dos quatro Evangelhos.

I - INTRODUÇÃO

Para a inteligência apropriada dos Evangelhos é conveniente considerar primeiro a sua relação para com as outras partes da Palavra de Deus.

O LUGAR DOS EVANGELHOS NAS ESCRITURAS

O lugar dos quatro Evangelhos na Bíblia merece atenção cuidadosa, porque desse modo somos habilitados a ver como a Bíblia é realmente um livro só. **Quatro palavras** nos ajudarão a ligar num todo a Revelação de Deus, a saber: **Preparação, Manifestação, Apropriação e Consumação**. No Antigo Testamento, encontramos a *Preparação* para o Messias como o Sacerdotes, Rei e Profeta que havia de vir. O Pentateuco mostra a necessidade de um **Sacerdote**, porque aí é que aparece o sacerdócio de Arão, que havia de fracassar. Os livros históricos, de Josué a Ester, mostram a necessidade de um **Rei**, pois nos contam como fracassaram os líderes e reis do povo de Deus. E nos livros poéticos e proféticos, de Jó a Malaquias, sentimos a necessidade de um perfeito **Profeta** que cumprisse e completasse a Revelação que nos transmitiram os antigos profetas.

O Antigo Testamento é um livro de profecias não cumpridas, de cerimônias não explicadas e de anseios não satisfeitos. No Novo Testamento, porém, temos os quatro Evangelhos que podem ser designados pela palavra *Manifestação*, porque neles aparece o Messias que cumpre as profecias na Sua vida, explica as cerimônias na Sua morte e satisfaz os anseios na Sua ressurreição. Cumpre as profecias na Sua vida como Profeta, explica as cerimônias na Sua morte como Sacerdote e satisfaz os anseios na Sua ressurreição como Rei.

Depois dos Evangelhos, seguem-se os Atos e as Epístolas, que podem ser designados pelo termo *Apropriação*, pois mostram as várias maneiras como o Senhor é recebido, apropriado, aplicado e apreciado na vida dos indivíduos e das comunidades. Finalmente, o Novo Testamento conclui com o livro de Apocalipse, que pode ser chamado *Consumação*, pois nele temos a culminação de tudo o que precedeu no plano e propósito de Deus. Temos, assim, *preparação* para Jesus Cristo no Antigo Testamento; *manifestação* de Jesus Cristo nos quatro Evangelhos; *apropriação* de Jesus Cristo nos Atos e Epístolas; e a *consumação* de tudo, mediante Jesus Cristo, no Apocalipse.

O LUGAR DOS EVANGELHOS NO NOVO TESTAMENTO

É necessário, entretanto, olhar mais detidamente para a posição dos Evangelhos em relação aos outros livros do Novo Testamento. Há, como todos sabemos, "um progresso de doutrina" no Novo Testamento, e é essencial observar o lugar dos Evangelhos nesse desenvolvimento. As quatro principais partes do Novo Testamento podem ser classificadas da seguinte maneira:

1. **Os Evangelhos.** *A Pessoa de Cristo. Biografia.* Temos aqui a história da vida terrena e da obra de nosso Senhor. Ele traz salvação aos homens, provê materiais para a fé (**João 20:31**) e lança, nas pessoas de Seus discípulos, o fundamento para a vida de Sua Igreja no mundo e do Reino de Deus.
2. **Os Atos.** *A Igreja de Cristo. História.* Neste livro temos um sumário dos primeiros trinta anos da nova comunidade. Fala-nos sobre a proclamação da salvação aos Homens, sobre as oportunidades oferecidas à fé e sobre a formação da Igreja, chamada para fora do mundo afim de pertencer ao Senhor.
3. **As Epístolas.** *A Verdade de Cristo. Doutrina.* Nesta seção temos o ensino para os seguidores de Cristo. Temos aqui as explicações e resultados da salvação, as experiências e expressões da fé e os ensinamentos sobre como treinar a Igreja para seu testemunho e obra no mundo.
4. **O Apocalipse.** *O Governo de Cristo. Profecia.* Este livro cora tudo, mostrando o que Cristo fará no futuro. Prediz a plenitude da salvação, anuncia as recompensas da fé e antecipa o Reino de Cristo sobre a Igreja e, através desta, sobre o mundo.

Assim, o Novo Testamento abrange tudo, incluindo o passado, o presente e o futuro em seu prospecto magnífico. Os Evangelhos apresentam o amor de Cristo; os Atos e as Epístolas, a Sua graça; e o Apocalipse, a Sua vitória. E correspondendo a isto, temos as três bênçãos espirituais: perdão para o passado, poder para o presente e paz para o futuro.

QUE É O EVANGELHO?

A palavra "evangelho" nunca é usada no Novo Testamento para designar um livro, mas é sempre usada com o sentido exclusivo de "boas novas". Quando falamos, por exemplo, do Evangelho de Mateus, queremos significar as boas novas de Jesus Cristo registradas por Mateus. Este fato se pode ver no primeiro versículo do Evangelho de Marcos, que diz: "*Princípio do Evangelhos de Jesus Cristo, Filho de Deus*". Sendo assim, existe na realidade somente um Evangelho e quatro apresentações do mesmo. É por isto que em nossas Bíblias se lê: O Evangelho *segundo* (de acordo com) Mateus, Marcos, Lucas e João. É o mesmo Evangelho, conforme foi apresentado pelos diferentes evangelistas. Apresentam quatro retratos de um Cristo só, e o valor deles se encontra no testemunho independente, mas harmônico, que dão quanto ao Messias.

Vamos, portanto, ocupar-nos com as boas novas da Pessoa e da Obra de Cristo, porque Ele, de fato, personifica, o Evangelho Cristão. É este o sentido da frase tão frequentemente citada: "O Cristianismo é Cristo". Há uma declaração do Dr. R. W. Dale, cheia de iluminação neste particular, como explicação da história desses quatro "Evangelhos". Disse ele que Jesus Cristo não veio para pregar um Evangelho já existente, mas sim para que pudesse haver um Evangelho a ser pragueado.

Originalmente, o anúncio acerca de Cristo era necessariamente oral, pois os discípulos iam de lugar em lugar contando a maravilhosa história do Salvador. Não se passou muito tempo, porém, sem que se verificasse a necessidade de escrever essa história, e um bom número de escritores parecem ter empreendido fazê-lo, muitos deles com evidente falta de êxito (**Lucas 1:1-4**). É melhor estudar isoladamente cada Evangelho, antes de tudo, afim de poder receber as impressões que cada um visa produzir.

Entretanto, lembrando-nos embora de que Evangelho significa “boas novas”, continuaremos naturalmente a chamar de Evangelhos a esses quatro livros iniciais do Novo Testamento, porque eles nos oferecem, em forma escrita, a história da vida de Jesus Cristo sobre a Terra, vida que constitui o fundamento das “boas novas” a que nós chamamos de “Cristianismo”.

Um bom livro a ler nesta conexão é “What is the Gospel?”, por C. G. Trumbull, o qual mostra com clareza o que é o coração do Evangelho e sua aplicação prática em nossas próprias vidas.

POR QUE QUATRO EVANGELHOS?

Uma pergunta que surge naturalmente é: Por que quatro Evangelhos? Um não seria suficiente? E também: Se há mais de um, por que exatamente quatro? Esta é a pergunta que é feita num dos mais preciosos livros desta geração: “Why Four Gospels?”, pelo Dr. D. S. Gregory. Parece não haver dúvida de que os quatro se destinavam a expressar diferentes, se bem que inter-relacionados, aspectos da vida e do ministério de nosso Senhor. Como se tem dito com frequência: há quatro Evangelhos, mas um só Cristo; quatro histórias e um só propósito; quatro retratos de uma só Pessoa.

Quatro métodos de registrar impressões dessa Pessoa. Pode-se dizer que Mateus *demonstra*, Marcos *desenha*, Lucas *declara* e João *descreve*. Mateus está interessado na *vinda* de um Salvador *prometido* (o Messias); Marcos, na *vida* de um Salvador *poderoso*; Lucas, na *graça* de um Salvador *perfeito*; e João, na *possessão* de um Salvador *pessoal*. É provável que nenhum Evangelho pudesse, sozinho, apresentar a plenitude e a glória da Pessoa e da Obra de nosso Senhor.

É interessante e proveitoso ler cada Evangelho afim de entender a sua apresentação de Jesus Cristo. Descobrir-se-á, então, que, embora haja muita coisa idêntica em todos eles (especialmente nos três primeiros), há também muita coisa diferente em cada um deles. Essas diferenças dão origem à ideia de que os Evangelhos são quatro diferentes retratos do Senhor Jesus.

Alguns escritores chamam a atenção para o simbolismo dos querubins em referência aos quatro Evangelhos. Talvez isto não tenha grande significação para o comum dos leitores, mas na realidade é um simbolismo bem sugestivo. Já no **segundo século** os escritores viam ou julgavam ver uma semelhança entre os Quatro Evangelhos e os querubins das visões de Ezequiel e do Apocalipse.

“O primeiro ser vivente é semelhante a **LEÃO**, o segundo, semelhante a **NOVILHO**, o terceiro tem o rosto como de **HOMEM**, e o quarto ser vivente é semelhante à **ÁGUIA** quando está voando”. (**Apocalipse 4:7**). Ezequiel 1:10 descreve como: **Homem, Leão, Boi e Águia**.

A melhor maneira de aplicar esse simbolismo é associar: Mateus com o leão; Marcos, com o boi; Lucas, com o homem; e João com a águia. A interpretação é que Mateus apresenta Cristo como o Messias dos judeus, o Leão da Tribo de Judá, o Rei; Marcos, como o Servo, simbolizado pelo boi (ou bezerro), o servo por excelência do homem; Lucas, como o Filho do homem, simbolizado pelo animal com rosto de homem; e João, como o Filho de Deus,

simbolizado pela águia librando-se nas alturas. Há nessas sugestões suficiente indicação das diferenças essenciais dos Evangelhos, e o ter nascido tão cedo essa ideia prova que a Igreja Cristã dos dias primitivos já tinha observado as relações existentes entre os Evangelhos.

Outra maneira de indicar essas diferenças é associar os quatro Evangelhos com as profecias do Antigo Testamento em que o Messias é chamado de "Renovo" (em quatro aspectos somente, correspondendo exatamente aos quatro Evangelhos). Mateus, o Evangelho dos judeus, corresponde à profecia: "*Levantarei a Davi um Renovo Justo; e, sendo rei, reinará*" (**Jeremias 23:5; 33:15**). Marcos, o Evangelho do Serviço, corresponde à profecia: "*Eis que eu farei vir o meu servo, o Renovo*" (**Zacarias 3:8**). Lucas, que apresenta Cristo como o Verdadeiro Homem, corresponde às palavras: "*Eis aqui o homem cujo nome é Renovo*" (**Zacarias 6:12**). João, que se ocupa especialmente da pessoa e da obra divinas de Cristo, é apropriadamente relacionado com as palavras: "*O Renovo do Senhor será um ornamento e uma glória*" (**Isaías 4:2**).

Há também quatro passagens no Antigo Testamento que começam com a palavra "eis" e que correspondem também a esses vários aspectos da pessoa de Cristo nos quatro Evangelhos: "*Eis que o teu rei virá a ti*" (**Zacarias 6:9**) – Mateus. "*Eis aqui o meu Servo*" (**Isaías 42:1**) – Marcos. "*Eis aqui o homem*" (**Zacarias 6:12**) – Lucas. "*Eis aqui está o vosso Deus*" (**Isaías 40:9**) – João.

Tem-se também sugerido que nos próprios Evangelhos temos declarações de Cristo sobre o **propósito da Sua vinda**, consoante é apresentado em cada um deles. Assim, Mateus, fiel à ideia Judaica, registra: "*Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir*" (**Mateus 5:17**). Marcos, ilustrando a obra de Cristo, registra: "*O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir*" (**Marcos 10:45**). Lucas, que está especialmente interessado no Evangelho da Redenção, escreve: "*O Filho do Homem veio buscar e salvar o que se havia perdido*" (**Lucas 19:10**). João apropriadamente associa Cristo com o Pai, dizendo: "*Eu vim em nome de meu Pai*" (**João 5:43**). Naturalmente, tudo isto só é verdade em sentido geral: não se deve entender que esses vários aspectos dos diferentes Evangelhos excluam outros fatos e características da vida de Jesus Cristo apresentados em cada um deles. O Dr. H. G. Weston afirma que os quatro Evangelhos fazem provisão para as nossas mais profundas necessidades espirituais. Mateus, fala de justiça; Marcos, de santificação; Lucas, de redenção; e João, de vida.

Tem-se com frequência afirmado que, visto a comunidade dos dias de Cristo estar dividida em quatro diferentes seções; três das quais pertencentes a diferentes raças (**quatro raças**), esse quádruplo registro era necessário para ir ao encontro das feições características dos vários povos. Mateus indubitavelmente escreveu para os judeus e esta é a razão por que há nele tantas referências ao Antigo Testamento e citações dele. Marcos certamente foi escrito de modo a impressionar os romanos, porque, como os romanos em geral pouco se interessavam com o ensino, mas se preocupavam bastante com a ação, os atos de Jesus Cristo são enfatizados neste Evangelho em vez de Suas palavras. Lucas parece que tinha em vista especialmente os gregos, pois a perfeita humanidade é um aspecto especial do retrato que ele nos pinta de Jesus Cristo, e isto em harmonia com os ideais mais elevados dos gregos. João escreveu com o propósito definido de produzir fé em Cristo (**João 20:31**) e, como tal, o seu Evangelho seria apropriado aos homens de todas as raças que exercem fé em Jesus. Assim, Mateus visava o mundo religioso; Marcos, o mundo político; Lucas, o mundo

intelectual; e João, o mundo em geral. Pensa Dr. Gregory que esta é a melhor maneira de explicar as diferenças, especialmente porque os quatro Evangelhos são assim contemplados como representando toda a humanidade daqueles dias, sendo, portanto, apropriados para o uso universal hoje em dia. Lembrando, ainda, a numerologia bíblica, pois o número quatro é representativo de toda o mundo, pois o quatro está associado aos quatro cantos da Terra ou aos quatro pontos cardeais.

Essas diferenças de raça ajudarão também a entender os quatro diferentes, se bem que complementares, retratos de Cristo nessas Evangelhos. Mateus tem sido descrito como "o retrato de perfil", cujo característico é um esboço nítido contra um fundo apropriado (o Antigo Testamento). O retrato de Marcos tem sido chamado "a gravura do aço", cujo característico é a impressão que produz de "clareza, simplicidade e vigor". Lucas tem sido descrito como "o retrato de meias tintas", processo moderno que resulta de jorros de luz através de um conjunto de linhas, produzindo um quadro que se caracteriza por uma certa brandura e beleza de acabamento. Em Lucas, a Divindade de Cristo é "sombreada e esmaecida" e, ao mesmo tempo, embelezada por sua maravilhosa humanidade. Em João temos "o retrato de corpo inteiro", destinado ao mundo em geral e aos crentes em particular ("The Fascination of the Book", por E. W. Work).

II – O EVANGELHO SEGUNDO SÃO MATEUS

ASPECTOS GERAIS

1. O autor é evidentemente judeu e, como é natural, cristão (**Mateus 9:9, 10; 10:3**). Desde os primeiros dias este Evangelho tem sido atribuído a Mateus (ou Levi), o publicano, um dos Doze Apóstolos. No começo do segundo século disse certo escritor: “Mateus compôs os oráculos de Deus na língua hebraica”. Houve outros que disseram o mesmo e está se tornou uma das mais seguras tradições da Igreja Cristã. Entretanto, o Evangelho Segundo Mateus não é de modo algum uma tradução. Foi, sem dúvida, produzido originalmente em grego. A solução do problema ou é que a palavra “oráculo” se refere aos discursos e ensinamentos de Jesus Cristo, que encontramos hoje incorporados no Evangelho de Mateus como parte proeminente dele, ou então que Mateus escreveu o seu Evangelho tanto em hebraico como em grego. Esta última solução é bem possível.

2. O destino. Este Evangelho se destina evidentemente a judeus e a judeus cristãos. Nele se pressupõe conhecimento do Antigo Testamento, do qual se fazem abundantes citações. Há, de fato, cerca de sessenta citações, sem falar em alusões. Há nele, portanto, maior número de citações diretas do que em Marcos e Lucas combinados. Tem-se com frequência afirmado que se alguém, cheio do Antigo Testamento, lesse o Evangelho de Mateus, facilmente o entenderia, visto a sua substância ser tão claramente judaica. Além disto, sabemos que Jesus Cristo jamais é chamado Rei em relação à Igreja, mas somente em referência aos judeus (**Mateus 10:5-7; 15:24 e Romanos 15:8**) e ao mundo.

3. O propósito do Evangelho é assunto da máxima importância. Como acontece com os demais, ele tem a forma de uma narrativa, sendo em grande parte biográfica. Há, porém, através de todas as suas partes, um propósito definido, uma espécie de argumento em forma de narrativa. Como se tem sugerido, este fato revela a grande sabedoria e tato do escritor em não alienar os judeus que pudessem ler essa história. Logo de início, Jesus Cristo é associado à nação judaica nas pessoas de Davi e Abraão: “*Livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão*” (**1:1**).

Outra nota dominante deste Evangelho é a palavra “**cumprir-se**” – “*Ora, tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor por intermédio do profeta; Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel...*” (**1:22**). A expressão “*Para que se cumprisse*” aponta para o Antigo Testamento como tendo predito a vinda do Messias. Outra feição característica desse Evangelho é a maneira como salienta o fato de Jesus Cristo ser o Rei, até mesmo na sua infância: “*E perguntaram: Onde está o recém-nascido Rei dos Judeus? Porque vimos a sua estrela no Oriente e viemos para adorá-lo*” (**2:2**). O que confirma que o propósito de Mateus é apresentar a Realeza e o Reino de Cristo. A genealogia nos dá a sucessão real; a mensagem de João Batista e de Jesus Cristo foi: “*É chegado (está próximo) o reino dos céus*” (**3:2; 4:17**); e todas as parábolas, exceto três, se referem ao “**Reino dos Céus**”, expressão que aparece mais de 30 vezes.

Há um outro fato, porém, que também revela o propósito deste Evangelho, a saber, a constante referência à oposição a Jesus Cristo, bem como à Sua rejeição pelo povo. Este fato é salientado logo no começo, bem cedo na vida de Jesus (**2:3, 7 e 13**). E essa hostilidade se vai acentuando cada vez mais, até que, depois da revelação dela nos **capítulos 11 e 12**, há, por causa dessa hostilidade, uma mudança definida no método de ensino de Jesus (começa a ensinar por parábolas), como se vê no **capítulo 13**, depois do qual a oposição se torna mais profunda, mais forte e mais intensa até culminar na cruz. Esta rejeição de Jesus Cristo pelos judeus naturalmente sugere a transferência do Reino para os gentios, e embora este seja um Evangelho essencialmente judaico, contém desde o início, como o sugere a visita dos Magos, alusões a outras nações, o que pode ser considerado como uma preparação para a solene transferência dos privilégios do Reino para os gentios. O sumário do ministério de nosso Senhor frisa este fato (**4:15, 16**); a transferência é anunciada (**21:43**); e o Evangelho termina com a grande missão confiada aos discípulos judeus, aos quais Jesus ordenou que proclamassem a verdade entre todas as nações (**29:18**).

Deve-se dar especial atenção também à maneira como o ensino de Jesus Cristo é enfatizado em Mateus. Há cinco grandes seções em que esse ensino aparece, cada uma terminando com uma frase semelhante (**7:28; 11:1; 13:53; 19:1; 26:1**). Esse ensino se refere aos vários aspectos do Reino:

- (1) Seus princípios (caps. 5-7);
- (2) Sua propagação (cap. 10);
- (3) Seu progresso (cap. 13);
- (4) Seus problemas (cap. 18);
- (5) Seu propósito (caps. 24 e 25).

4. O plano do Evangelho, quando cuidadosamente estudado, mostra que a ideia de Mateus não era apresentar uma narrativa, em ordem cronológica, do ministério de Jesus Cristo, mas ligar acontecimentos e ensinamentos que apresentassem o fato de ser Jesus o Messias, de acordo com as profecias. Quando este fato é observado, o plano do Evangelho se torna luminoso e sugestivo. Num sentido geral, o material está dividido por uma frase, que se acha no capítulo **4:17 e 16:21**, frase que faz separação entre o ministério e a morte de Jesus Cristo. Passemos, agora, a uma consideração mais minuciosa do conteúdo do Evangelho, à luz das características acima mencionada.

ESBOÇO

Parte I. A Pessoa do Rei (1:1 a 2:23)

1. Sua descendência real – a genealogia (1:1-17)
2. Sua origem divina – o nascimento (1:18-25)
3. As primeiras circunstâncias – a infância (2:1-23)

Parte II. A Preparação para o Rei (3:1 a 4:16)

1. O precursor – João Batista (3:1-12)
2. A consagração – o Batismo (3:13-17)
3. A prova – a tentação (4:1-11)

Segue-se então um apêndice (vss. 12-16), que introduz a nova seção e ao mesmo tempo dá um resumo de todo o ministério.

O Dr. G. Campbell Morgan analisa o material acima sob o título "A Pessoa do Rei", da seguinte maneira:

1. Sua relação para com a Terra (1:1 a 3:12)
2. Sua relação para com o céu (3:13-17)
3. Sua relação para com o inferno (4:1-11)

Parte III. A Proclamação do Rei (4:17 a 15:20)

Temos aqui a história do ministério da Galiléia, sem nenhuma referência clara à sua morte futura.

1. A plataforma do Rei (4:17 a 7:29)
2. As credenciais do Rei (8:1 a 9:34)
3. A propaganda do Rei (9:35 a 10:42)
4. O começo da oposição (caps. 11 e 12)
5. A mudança do ensino (cap. 13)
6. Trabalho adicional (cap. 14)
7. Renovação da oposição e culminação do ministério (15:1 a 16:20)

Parte IV. A Paixão do Rei (16:21 a 27:66)

1. O primeiro anúncio da cruz e seu resultado (16:21 a 17:21)
2. O treinamento dos doze (17:22 a 18:35)
3. Fases do ensino e da obra (19:1-22)
4. Treinamento adicional dos doze (19:23 a 20:28)
5. Última oferta à nação (20:29 a 21:17)
6. O conflito (21:18 a 23:39)
7. A preparação dos discípulos (24:1 a 25:46)
8. A paixão consumada (26:1 a 27:66)

Parte V. O Poder do Rei (28:1-20)

1. A ressurreição (vss. 1-10)
2. A mentira dos inimigos (vss. 11-15)
3. A missão confiada aos discípulos (vss. 16-20)

CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS

Observam vários escritores que o propósito neste Evangelho é apresentar nosso Senhor Jesus Cristo como o Rei de Jeová, e é por esta razão que o material do Evangelho foi selecionado e arranjado em sua presente forma. Mostra o autor de "Companion Bible" que, comparado com Marcos e Lucas, Mateus não tem menos de trinta e uma seções peculiares a seu Evangelho e que todas elas têm maior ou menor referência ao **Rei** e ao **Reino**.

Dr. Scofield, num valioso livrinho, que todos deviam ler, intitulado "The Dispensational Place of the Synoptical Gospels", diz que a palavra "dispensação" significa que

as Escrituras dividem o tempo em períodos distintos, chamados “dispensações”, cada uma das quais tem seu caráter peculiar com respeito à atividade de Deus para com o homem. Embora se refira aos “Evangelhos Sinóticos” – Mateus, Marcos e Lucas -, seria ainda mais exato referir-se a todos os quatro Evangelhos como indicativos da mesma ideia dispensacional. Limitando-nos, porém, a Mateus, veremos que os Evangelhos, como dia Dr. Scofield, “são intermediários entre a dispensação da lei e a da graça e que participam do caráter peculiar de ambas, mas com a influência legal em grande predominância”. Isto se pode facilmente verificar através de todo o Evangelho de Mateus (**2:2; 5:17; 10:5 e 15:24**). E, assim, o Reino aparece em Mateus em três formas:

1. A princípio, o Reino foi pregado por João Batista, por nosso Senhor e pelo doze como estrando “próximo”, e não há dúvida de que os ouvintes judeus sabiam, sem necessidade explicações, que a referência era à promessa feita a Davi (**2 Samuel 7:14-16**) e às bem conhecidas predições do Reino através dos profetas.

2. Em seguida temos o Reino em seus Mistérios. Os judeus não quiseram receber o Senhor como o Messias e assim o Reino predito pelos profetas teve que ser adiado. Entrementes, os discípulos foram instruídos em referência a certos aspectos do Reino que não tinham sido previamente revelados no Antigo Testamento (**Mateus 13:17**), os quais encheriam o intervalo entre a rejeição do Reino e seus estabelecimentos oficiais de acordo com a palavra profética. Esses “mistérios” revelam o fato de uma mistura do bem e do mal através de toda a era presente (**13:37-39**).

3. Finalmente, o Reino aparece mais uma vez em sua futura glória e, na conclusão de Mateus, Jesus profetiza a sua vinda em poder para estabelecer o Reino que os profetas tinham vaticinado (**caps. 24 e 25**). É esta ideia do Reino que distingue Mateus dos outros Evangelhos, e não é demasiado dizer, com o Dr. Gaebelein, que somente quando é enfatizado este pensamento da verdade dispensacional é que se pode compreender Mateus. As referências ao Rei, ao Reino, à rejeição do Rei por parte dos judeus, à transferência do Reino para os gentios, aos “mistérios” do Reino, à Igreja como algo ainda futuro (**16:13-18; 18:15-17**) e aos discursos do Monte das Oliveiras (**cap. 24**) – tudo precisa ser observado e estudado atenta e completamente, ponto por ponto, se é que se deseja apreciar e compreender apropriadamente o ensino deste Evangelho.

LIVROS PARA ESTUDO

Só podemos apresentar uma seleção assas limitada dentre as muitas obras que poderiam ser mencionadas.

1. *Comentários Exegéticos*. Uma obra técnica, destinada aos que estudam o grego e que trata amplamente de assuntos puramente críticos, é o volume sobre Mateus, no *International Critical Commentary*, por W. C. Allen. Outro comentário, muito mais útil para uso geral e verdadeiramente valioso, cheio de coisas boas, embora com frequência demasiado livre em relação à inspiração, é a obra “*The Gospel According to Matthew*”, pelo Dr. Plummer. Um velho comentário inglês, muito desenvolvido, mas bastante útil; é “*The Gospel According to Matthew*”, por Morison. Talvez o melhor comentário para uso geral seja o volume sobre Mateus pelo Dr. Broadus (traduzido em português).

2. *Comentários Homiléticos*. MacLaren, em sua obra "Expositions of Scripture", tem três volumes sobre Mateus. Dr. Parker se ocupa de Mateus em três volumes na sua obra "Inner Life of Christ", a qual é resumidamente reproduzida na obra "The People's Bible". The "Pulpit Commentary" tem dois volumes sobre Mateus.

3. *Estudos Especiais*. Além das obras acima, recomendamos ainda: "Exposition of Matthew", por Gaebelien; "The Gospel of Matthew", por Charles R. Erdman; "Matthew, the Genesis of the New Testament", pelo Dr. H. G. Weston; o volume sobre Mateus na "Analyzed Bible", pelo Dr. G. Campbell Morgan. Para os professores das classes primárias há um volume muito útil sobre o Sermão do Monte, "Illustrations from the Beatitudes", por Sadie Eastwood.

III – O EVANGELHO SEGUNDO SÃO MARCOS

FATOS PRINCIPAIS

1. *Autor.* Não há dúvida de que este Evangelho foi escrito pelo homem chamado Marcos ou João Marcos, filho de uma judia, Maria de Jerusalém, e sobrinho de Barnabé. A história de Marcos se encontra nas seguintes passagens: **Atos 12:25; 13:5-13; 15:37-39**. Mais tarde ele, evidentemente, se reabilitou (**Colossenses 4:10, 11; 2 Timóteo 4:11**). Pedro foi instrumento de sua conversão (**1 Pedro 5:13**).

Também não há dúvida de que este Evangelho representa o ensino e a influência de Pedro. Uma tradição mais antiga associa o Evangelho de Marcos com Pedro e vários detalhes confirmam esta tradição. Tem-se, com frequência, observado também que o plano do Evangelho corresponde ao esboço do discurso de Pedro em casa de Cornélio (**Atos 10:37-43**) e que o livro está em harmonia com o caráter de Pedro – impulsivo, impressionável, emotivo e ativo, mas do que argumentativo, lógico e doutrinário.

2. *Data.* É mais do que provável que este Evangelho foi escrito cerca de 55 A.D., senão mais cedo, como pensam alguns. Em grande parte, isto depende da data de Lucas e Atos, porque se Atos foi escrito em 62 A.D., então o Evangelho foi escrito antes e Marcos, por sua vez, mais cedo ainda.

3. *Propósito.* Como o objetivo do Evangelho não é apresentado em parte alguma do mesmo, só podemos encontrá-lo por inferência, derivada de uma leitura cuidadosa. O propósito de Mateus é sugerido no primeiro versículo (**1:1**); Lucas (**1:1-4**) fala-nos das circunstâncias em que veio a escrever; e João (**20:31**) afirma o seu propósito específico. Tem-se, entretanto, com razão sugerido que **Marcos 10:45** realmente indica o objetivo e a ideia geral de seu próprio Evangelho: *“Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos”*. Podemos também afirmar com segurança que ele registra a história de Jesus Cristo como Pedro a tinha pregado.

Existe ainda neste Evangelho um elemento específico que mostra claramente ter sido destinado aos romanos. Que se destinava a gentios e não a judeus se pode facilmente verificar na tradução de certas expressões aramaicas (**3:17; 5:41; 7:11; 10:46; 14:36; 15:22**), bem como na explicação de costumes judaicos (**14:12; 15:42**) e também na ausência de citações do Antigo Testamento na narrativa do próprio Marcos (com exceção de **1:2**). Para os romanos, o pensamento supremo era o de poder e esta é a feição especial deste Evangelho que enfatiza a atividade, a autoridade e a energia de Cristo – Seus atos mais do que Suas palavras. Como no caso do grande romano Júlio César, cujos comentários sobre as Guerras da Gália se caracterizam pela palavra “rapidamente”, assim neste Evangelho encontramos com muita frequência a palavra “logo”, (“imediatamente”, “em seguida”), indicativa do constante movimento e atividade de Cristo. Há também certas expressões que vêm da língua latina, como Legião, Centurião e outras, sugerindo mais uma vez o fato de o Evangelho se destinar a romanos.

Mas talvez a característica mais definida de todas seja a clara referência à grande ideia de Isaías, conhecida como o **Servo de Jeová**. Assim como Mateus se ocupa com um

dos pensamentos de Isaías, o da realeza, assim Marcos parece associar-se com o outro, e este pensamento sobre o serviço pode ser a explicação da ausência da genealogia, bem como de qualquer referência à primeira parte da vida de Cristo, juntamente com a forte ênfase sobre as suas obras e notáveis atividade. Entretanto, o Servo é também o Mestre (como em **Isaías 50:4**), embora se possa dizer que seu ensino provém de suas obras (**1:21; 2:13 e 6:6**). E podemos talvez dizer que este Evangelho nos apresenta o grande poder do Servo Divino na realização de atos de bondade, no ensino da verdade e no combate ao mal.

4. *Plano*. O conteúdo geral do Evangelho de Marcos se estende desde o ministério de João Batista até a ressurreição e assim concorda, como já notamos, com a pregação de Pedro (**Atos 10:37-43**). Não há menção do ministério inicial de Jesus Cristo na Judéia e Samaria antes de João Batista ter sido lançado na prisão (**João 1 a 4**).

Não existe divergência essencial entre os estudantes da Bíblia quanto às linhas gerais do Evangelho em referência ao ministério na Galiléia (**1:14 a 9:50**), na Judéia (**cap. 10**) e durante a última semana em Jerusalém (**11 a 16**). A única diferença é quanto aos lugares exatos em que se devem fazer as divisões. O seguinte esboço será talvez suficiente para o presente estudo:

Parte I – Preparação para o Serviço (1:1-13)

1. Aparece João, o Batista (vss. 1 a 8)

Parte II – Serviço na Galiléia Oriental (1:14 a 7:23)

1. Começo do ministério. Resultado: excitação (1:14-45)
2. Progresso do ministério. Resultado: oposição (2:1 a 3:6)
3. Continuação do ministério. Resultado: aumento da oposição (3:7 a 6:6)
4. Começo do treinamento dos doze (6:7 a 7:23)

Parte III – Serviço no norte da Galiléia (7:24 a 9:31)

Note-se, nesta seção, que a excitação e oposição da seção prévia resultaram em conflitos e na retirada de Jesus Cristo e Seus discípulos que foram para o extremo norte.

Parte IV – Serviço enquanto marcha para Jerusalém (9:32 a 10:52)

Cristo volta à Galiléia e parte novamente em Sua última viagem para a capital.

Parte V – Serviço em Jerusalém (11:1 a 13:37)

Os acontecimentos da última semana com o pensamento especial da autoridade afirmada por Jesus e negada pelos judeus.

Parte VI – Serviço até a Morte (14:1 a 15:47)

Os vários incidentes em conexão com a prisão, o julgamento, os sofrimentos e a morte de Jesus Cristo.

Parte VII – Serviço Coroado (16:1-20)

A história da ressurreição e suas conseqüências.

O esboço da vida de nosso Senhor, como é apresentado neste Evangelho, pode ser comparado com proveito com o esboço profético do Servo em **Isaías 52:13 a 53:12**, em que temos a descrição da história do Servo:

- (1) Exaltação: Isaías 52:13-15;
- (2) Rejeição: Isaías 53:1, 2;
- (3) Dores: Isaías 53:3;
- (4) Expição: Isaías 53:4-6;
- (5) Sofrimento: Isaías 53:7;
- (6) Morte: Isaías 53:8, 9;
- (7) Triunfo: Isaías 53:10-12.

É também interessante olhar para este esboço à luz da grande passagem de Paulo em **Filipenses 2:5-11**, a qual, podemos dizer, apresenta, estágio por estágio, os vários aspectos do Servo Divino em Sua humilhação e exaltação.

5. *Características*. Dentre os muitos fatos interessantes que se observam em Marcos, os seguintes merecem especial atenção:

- (1) *Vivacidade*. Está cheio de pormenores nítidos, vívidos e pitorescos, que indicam as impressões de uma testemunha ocular. Observa-se o efeito das palavras e atos de Jesus Cristo sobre as multidões e sobre os discípulos (**1:22-27; 2:12; 6:56** e muitas outras passagens). A personalidade humana de Jesus Cristo é também muito proeminente, incluindo Seu profundo suspirar (**7:34**), Seu terno amor (**10:21**), Sua admiração (**6:6**), Sua indignação (**3:5; 10:14**); Sua necessidade de descanso (**6:31**) e de alimento (**11:12**). O uso do tempo presente no grego é especialmente notável (ver Westcott e seu livro: "Introduction to the Study of the Four Gospels", pp. 366-368).
- (2) *Minuciosidade*. Marcos é muito preciso e minucioso quanto aos gestos, às palavras, ao povo e às atitudes. Ele registra as horas do dia e outros períodos. Todo o Evangelho é muito notável pela minuciosidade de suas declarações.
- (3) *Atividade*. Em contraste com Mateus, em cujo Evangelho o ensino de Cristo tem lugar proeminente, Marcos se ocupa mais dos atos do que das palavras de Cristo. O termo "**imediatamente**" (**logo, em seguida**) ocorre cerca de 42 vezes, em contraste com 7 vezes em Mateus e uma em Lucas. E todo o Evangelho impressiona o leitor com seu constante movimento e notável poder. Verifica-se nele que a atividade do Senhor era incansável.
- (4) *Quietude*. Juntamente com esta incessante atividade ocorrem, entretanto, várias ocasiões em que o evangelista registra ter Jesus se afastado das multidões em busca de descanso e comunhão com o Pai.

6. *O Retrato de Jesus Cristo*. O tema ou tese do Evangelho de Marcos se encontra no seu primeiro versículo: "*Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus*". Esta palavra "**princípio**" é particularmente digna de nota, pois indica evidentemente que o escritor se propõe mostrar como se originaram as Boas Novas que se encontram na Pessoa e na Obra de Jesus Cristo.

Há outras passagens no Novo Testamento que falam desse começo, e essas passagens devem ser cuidadosamente comparadas com a declaração de Marcos (**Atos 1:1; 10:36 e Hebreus 2:3**). O Evangelho pinta Jesus Cristo sob três aspectos:

- (1) *Sua Pessoa*. Ele é tanto “Filho de Deus” como “Filho do Homem”. A primeira metade do Evangelho termina com a confissão de Pedro (**8:29**), ao passo que a segunda metade termina com a prova suprema da divindade de Jesus Cristo – a Ressurreição. Além disso, o começo da primeira parte fala da voz divina dando testemunho quanto ao Senhor (**1:11**) e a segunda parte começa da mesma maneira (**9:7**).
- (2) *Sua Obra*. Em **10:45** vemos que a Pessoa de Jesus Cristo veio para realizar a obra da salvação, e é particularmente interessante observar como este versículo resume todo o Evangelho:
 - a. O Filho do Homem veio (**1:1-13**);
 - b. Não para ser servido, mas para servir (**1:14 a 9:50**) e
 - c. Dar a Sua vida em resgate de muitos (**10:1-16:20**).
- (3) *Sua Glória*. O Cristo que veio para prover salvação é também apresentado como voltando pela segunda vez e, desse modo, o futuro, bem como o passado e o presente, estão cheios de Sua presença, posição e poder ou autoridade. Através da última parte do Evangelho, mais especialmente no **capítulo 13**, a Vinda de Jesus Cristo é claramente ensinada.

Desse modo, o retrato de Nosso Senhor que aqui se pinta é exatamente aquele a que os romanos dariam valor, a saber, uma Pessoa de poder que podia realizar coisas importantes. Talvez isto tenha uma aplicação definida hoje em dia, porque em muitos respeitos o povo não duvida quanto à relação do Cristianismo para com o passado judaico (Mateus), nem quanto à esquisita beleza da humanidade de Jesus Cristo (Lucas). O que geralmente se sente é que o Cristianismo deve justificar-se como adequado para os nossos tempos e suas grandes necessidades. Isto não pode ser encontrado em qualquer profecia ou genealogia, mas no poder atual do Cristo vivo e ativo. Nesta era prática, o povo exige um Cristo que seja capaz de realizar algo.

O povo não está interessado no cumprimento de velhas expectativas (Mateus), nem se preocupa demasiado com assuntos puramente literários (Lucas). Compete-nos, portanto, mostrar por meio deste Evangelho que o Cristo vivo pode e quer realizar hoje o que realizou no passado. É digno de nota que o último quadro do Senhor em Marcos é o do Cristo assunto aos céus, acompanhando os discípulos por toda a parte, “*cooperando com eles... e confirmado a palavra com os sinais que se seguiram*” (**16:20**).

LIVROS PARA ESTUDO

1. *Comentários Críticos e Exegéticos*. Para os que conhecem grego, nada existe que se compare com a obra "The Gospel According to St. Mark", por H. B. Swete. Um bom comentário também é o de Marison.
2. *Comentários Homiléticos e Práticos*. O livrinho "The Gospel of Mark", por Charles R. Erdman, está cheio exatamente do material que pode fornecer aos professores da Escola Dominical uma compreensão clara e sugestiva do Evangelho; o esboço dado nesse livrinho concorda quase completamente com o que demos acima. O Comentário de Chadwich no "Expositor Bible", os dois volumes de MacLaren em "Exposition of Holy Scripture" e "Studies in Mark's Gospel", por C. S. Robinson, são proveitosos. Em português temos o comentário Ryle, infelizmente já esgotado.

IV – O EVANGELHO SEGUNDO SÃO LUCAS

Não existe dúvida séria de que o autor do terceiro Evangelho tenha sido Lucas, companheiro do apóstolo Paulo. Sir William M. Ramsay provou isto de modo a não haver mais nenhuma dúvida. Mas Lucas nunca menciona o seu próprio nome. Ele é mencionado três vezes no Novo Testamento: "Saúda-vos Lucas, o médico amado" (**Colossenses 4:14**). "Só Lucas está comigo" (**2 Timóteo 4:11**). "Marcos, Aristarco, Demas e Lucas, meus cooperadores" (**Filemon 24**).

Foi companheiro de Paulo nalgumas de suas viagens. O uso do pronome "nós", em **Atos 16:10** ("*procuramos* partir", etc) mostra que ele se juntou a Paulo daí por diante, possivelmente por causa da enfermidade do apóstolo (**2 Coríntios 12:7**). Ele deve, porém, ter ficado em Filipos, como sugere a mudança do pronome de **Atos 17:1** em diante. Subsequentemente foi com Paulo para Jerusalém e Roma (**Atos 20:5; 27:1**). Parece que Lucas não era Judeu, pois **Colossenses 4:14** menciona-o com outros cristãos gentios. Se é verdade isto, ele é o único escritor do Novo Testamento que não é judeu. Goder, porém, afirma que ele foi um dos discípulos do caminho de Emaús (**Lucas 24:13**). Seria interessante se isto pudesse ser provado, porque desse modo cada evangelista se teria referido a si mesmo em seu Evangelho, sem mencionar o seu nome (**Mateus 9:9; Marcos 14:51; Lucas 24:13; João 13:23**).

Lucas era um escritor consumado, como o prova seu Evangelho, e um observador atento. Mais do que isto, porém, ele era um obreiro ardoroso e um amigo fiel.

O PREFÁCIO DE LUCAS

Os primeiros quatro versículos merecem estudo minucioso. Constituem a única introdução *pessoal* nos Evangelhos. O estilo no grego é mais puro e mais polido do que em outras partes em que se percebe a influência do hebraico por terem os materiais sido evidentemente tirados de fontes judaicas. Este prefácio é realmente uma chave para nos revelar a posição e o propósito de Lucas ao escrever seu Evangelho.

1. Devemos notar as circunstâncias. Muitas tentativas tinham sido feitas no sentido de se escrever uma história da vida de Jesus Cristo, mas tinham evidentemente fracassado. Por esta razão, Lucas fez também uma narrativa, visto dispor de material adequado.

2. O **ensino oral** de nosso Senhor foi naturalmente registrado. Isto seria usado pelos escritores, a que acrescentaram um registro de Seus atos em vários lugares.

3. Lucas afirma coisas: (1) Pleno conhecimento – "tudo desde o princípio"; (2) conhecimento acurado – "havendo-me informado minuciosamente"; (3) apresentação bem ordenada do material – "por sua ordem".

O conteúdo prova essas três afirmações. E assim, (1) Lucas tem três quartos do material que se encontra nos três primeiros Evangelhos; (2) a narrativa é confirmada por

meio de referências históricas e outros fatos; (3) apresenta os acontecimentos na sua ordem cronológica, pintando historicamente o desenvolvimento gradual da obra de Jesus Cristo.

4. O propósito do Evangelho era produzir “certeza”. Temos nele a narrativa de fatos atestados por testemunhas oculares.

5. Tem-se sentido sempre uma grande dificuldade em referência às palavras “por sua ordem”, que parecem significar ordem cronológica. Há uma grande seção – **9:51 a 18:14** – que se acha somente em Lucas e que não parece estar em ordem cronológica, embora seja geralmente considerada o registro de uma longa e vagarosa viagem a Jerusalém através de partes não visitadas anteriormente, seção que explica o que parece ser, nos outros Evangelhos, um abrupto contraste entre o ministério da Galiléia e a última viagem a Jerusalém. Tem, assim, pontos de contato com a narrativa de João e pode ser considerada uma transição entre os dois primeiros e o quarto Evangelhos. Diz Edershein que é uma narrativa absolutamente independente e que não é cronológica.

Um esforço recente para resolver esse problema aparece na obra de Mackinlay: “Recent Discoveries in Luke’s Writings”, em que ele afirma que, depois de uma introdução, **1:1 a 4:13**, há três narrativas paralelas: **4:14 a 10:42**; **11:1 a 14:24** e **14:25 a 22:53**. Afirma ele que Lucas voltou atrás duas vezes, contando assim três vezes a história até a véspera da última semana do ministério de Cristo, mantendo, desse modo, “ordem” cronológica em toda a narrativa. A sugestão é muitíssima interessante e resolveria praticamente o problema.

Mas a maioria dos que lhe têm dado a devida atenção acham-na demasiado engenhosa e que não é provável que Lucas tivesse usado um método assim tão complexo de narrar “em ordem”. Mas, quer aceitemos quer não aceitemos essa explicação, o livro merece estudo atento, muito especialmente por ser da autoria de um dos mais leais estudantes da Palavra de Deus. Pensam alguns escritores que a expressão “**em ordem**” pode combinar o elemento cronológico com o moral até onde é possível. Assim, seria tópico até **9:50** e histórico de **9:51** em diante. Westcott, entretanto, afirma precisamente o contrário, dizendo que a ausência de dados históricos em **9:51** e daí por diante sugere sequência moral e não temporal.

O OBJETIVO DE LUCAS

Parece não haver dúvidas de que, assim como Mateus apresenta Jesus Cristo como o Rei dos Judeus, aduzindo profecias; Marcos, como o Servo de Jeová, mostrando sua grandeza pessoal; e João, como o Filho de Deus, declarando sua origem celestial, assim Lucas, apenas deixando falarem os fatos, procura apresentá-lo como o Homem perfeito, o ideal da humanidade, com especial referência ao fato de ser Ele o Salvador do mundo.

O Dr. D. S. Gregory em seu livro “Why Fous Gospels?” diz que, assim como Mateus foi escrito para os judeus e Marcos para os romanos, assim Lucas se destinava especialmente aos gregos, apresentando um retrato de Jesus Cristo como o Homem perfeito e ideal. Os gregos enfatizavam os seguintes três elementos: razão, humanidade e universalidade, frisando especialmente educação, civilização e cultura. Afirma-se que, de igual maneira, Lucas tem como sua ideia central, primeiro o registro do aspecto externo de Jesus Cristo como vulto histórico irrecusável e, em segundo lugar, o registro do aspecto interno de sua pessoa humana

que é, ao mesmo tempo, o Salvador divino de toda a humanidade. Afirma o Dr. Gregory que as omissões e adições que caracterizam esse Evangelho se adapta à mente grega. É provável que essa ideia tenha sido exagerada, mas não há dúvida razoável de que o Evangelho pinta Jesus Cristo proeminentemente como o **Homem Divino**.

Sugeriu alguém que os Evangelhos são memórias informais baseadas nalguma ideia central. Afirma-se que em **Atos 10:33-44** temos um espécime do Evangelho primitivo, com quatro pontos principais:

- (1) "Dele todos os profetas dão testemunho..." (**vs. 43**), correspondendo ao Evangelho de Mateus;
- (2) "...o qual andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo..." (**vs. 38**), correspondendo ao Evangelho de Marcos;
- (3) "Este é o Senhor de todos" (**vs. 36b**), correspondendo ao Evangelho de Lucas;
- (4) "Deus era com ele..." (**vs. 38b**), correspondendo ao Evangelho de João.

A ANÁLISE

Sugere um escritor, como chave para o Evangelho de Lucas, a frase: "O segundo **homem**, o **Senhor**, é do céu" (**1 Coríntios 15:47**), apresentando assim Cristo como o Homem e Cristo como o Senhor. Diz um outro que Lucas complementa Mateus, pois Mateus registra as relações temporais e Lucas as relações universais de Cristo para com o mundo.

I. Introdução (1:1-80)

1. Caráter e propósito do livro (vss. 1 a 4)
2. O anjo e Zacarias (vss. 5-25)
3. O anjo e Maria (vss. 26-38)
4. Maria e Isabel (vss. 39-56)
5. Nascimento e circunstância de João Batista (vss. 57-80)

II. Infância e Mocidade de Jesus (2:1-52)

1. O Nascimento (vss. 1-7)
2. Os Pastores (vss. 8-20)
3. A apresentação no Templo (vss. 21-39 – Semeão e Ana)
4. A Páscoa (vss. 41-50)
5. Os Anos em Nazaré (vss. 51, 52)

III. O Precursor e sua Obra (3:1-22)

1. O começo (vss. 1-6)
2. A Pregação e seus Resultados (vss. 7-14)
3. O Testamento quanto a Cristo (vss. 15-18)
4. A Prisão (vss. 19, 20)
5. O Batismo de Cristo (vss. 21, 22)

IV. O Ministério na Galileia (3:23 a 9:50)

1. Introdução (vss. 3:23 a 4:13)
2. O Começo (vss. 4:14 a 44)
3. A Oposição (vss. 5:1 a 6:11)
4. O Centro (vss. 6:12 a 8:56)
5. A Conclusão (vss. 9:1-50)

V. O Ministério na Samaria e Peréia (9:51 a 18:30)

1. Primeiro Estágio: Evangelização e Oposição (vss. 9:51 a 13:21)
2. Segundo Estágio: Condenação e Extensão (vss. 13:22 a 17:10)
3. Terceiro Estágio: Conclusão (vss. 17:11 a 18:30)

VI. O Ministério em Jerusalém (18:31 a 24:53)

1. O Começo (vss. 28:31 a 29:48)
2. As Controvérsias (vss. 20:1-47)
3. O Trabalho com os Doze (vss. 21:1-38)
4. Preparação para a Crucificação (vss. 22:1-53)
5. Morte e Ressurreição (vss. 22:54 a 24:53)

CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS

As ideias dominantes de Lucas procedem das circunstâncias e tendências de sua própria vida. Dentre as principais características do Evangelho, as seguintes merecem estudo especial¹:

1. **É o Evangelho do Louvor.** Começa no capítulo 1 e termina no capítulo 24 com alegria. O leproso samaritano glorificava a Deus (27: 16-18). Os primeiros hinos da Igreja Primitiva encontram-se nesse Evangelho: o **Magnificat** (o Cântico de Maria, 1:46-55); o **Benedictus** (o Cântico de Zacarias, 1:68-80); o **Glória in Excelsis** (2:14) e o **Nunc Dimittis** (o Cântico de Simeão, 2:29-32).
2. **É o Evangelho da Oração.** Não somente se enfatizam aqui as orações de Jesus Cristo, mas aparecem duas parábolas sobre a oração que não se encontram em nenhum dos outros Evangelhos (18:1-14).
3. **É o Evangelho da Infância.** Oferece abundantes pormenores sobre o nascimento de João Batista e de Jesus Cristo (caps. 1 e 2).
4. **É o Evangelho da Mulher.** Nele temos a história de **Isabel** (cap. 1); de **Maria**, a mãe de Jesus (caps. 1 e 2); das irmãs **Maria e Marta** (10:38-42); da **viúva de Nain** (7:12-15); das **mulheres** que serviam a Jesus (8:2, 3); da **mulher**

¹ Nota do Rai: como também foi Lucas quem escreveu o livro de Atos dos Apóstolo, registrando o início da Igreja de Cristo e o crescimento da Palavra pelo mundo, queria que você observasse que estas características do Evangelho Segundo Lucas enfatizam assuntos importantíssimos para a Igreja de Cristo na Terra: louvor, oração, ministério das mulheres, tolerância, assistência aos pobres e pecadores, a graça divina e a universalidade.

- pecadora (7:37-50); das **mulheres** que acompanhavam a Cristo chorando quando Ele marchava para a cruz (23:27-31).
5. **É o Evangelho da Tolerância.** Notem-se as referências aos samaritanos (10:33; 17:16) e aos dez leprosos (17:12), bem como o ensino de Jesus Cristo em 9:52-26.
 6. **É o Evangelho da Humanidade.** A vida de Jesus Cristo é apresentada em cada uma de suas fases (2:4-7; 2:21, 22, 40, 52).
 7. **É o Evangelho dos Pobres.** Note a menção dos pastores (cap. 2) e também o ensino de 6:20-25; 16:19-31.
 8. **É o Evangelho dos Proscritos.** A pecadora (7:37), o samaritano (10:33), o príncipe (cap. 15).
 9. **É o Evangelho da Graça.** Harmoniza-se nisto com o ensino de Paulo. Veja os capítulos 7, 15 e 19:1-10. A graça busca o pecador e inclui a todos. Graça, também, significa beleza, e este é "o mais lindo livro jamais escrito".
 10. **É o Evangelho da Universalidade.** Cristo aparece nele como o filho de Adão (3:38) e nele se encontram referências aos gentios, aos samaritanos e a Elias e Eliseu em conexão com gentios (4:25-27). Observe também que, em contraste com Mateus e Marcos, não ocorrem neste Evangelho palavras hebraicas.

Em tudo isto é particularmente digno de nota que, embora Lucas fosse companheiro de Paulo e escrevesse depois de ter recebido o Evangelho paulino; embora se notem nestes Evangelho claros indícios da influência de Paulo, não há nele doutrinas definitivamente paulinas nem se faz qualquer uso das Epístolas. Que outro fato poderia constituir mais lindo testemunho quanto à exatidão de Lucas e também quanto à sua habilidade como historiador do que o ter ele apresentado com absoluta fidelidade a história da vida terra de Jesus Cristo anterior ao Pentecostes, embora ele (Lucas) tenha vivido depois do Pentecostes (Atos 2:1) e na plena experiência do dom do Espírito Santo? Ele apresentou os fatos exatamente como se passaram, sem preocupar interpretá-los à lua de sua própria experiência. Quem é que poderia ter realizado isto a não ser a inspiração de Deus?

N.B. Encontra-se um estudo tão desenvolvido quanto valioso, destes e de outros pontos, no livro de Hayes mencionado abaixo.

LIVROS PARA ESTUDO

1. *Comentários Críticos e Exegéticos.* Para os que conhecem o grego, os dois melhores comentários são o de Godet e o de Plummer, este na série *International Critical Commentary*. Este último é com frequência demasiado livre no uso do material, como que se esquecendo da inspiração divina, mas o livro constitui perfeita educação na exegese gramatical do grego e recompensará o trabalho paciente de quem estudar. No "Pulpt Commentary" há dois valiosos volumes sobre esse Evangelho. Vale a pena adquirir também a obra de Lindsay ("Handbooks for Bible Classes").

2. *Comentários Homiléticos e Práticos*. O comentário sobre Lucas por C. R. Erdman é pequeno no tamanho, mas grande na utilidade. Lucas na série de MacLaren "Expositions of Holy Scripture". "Studies in Luke", por C. S. Robinson.
3. *Estudos Especiais*. É de muito valor o livro do A. T. Robertson: "Luke the Historian in the Light of Research". Leia-se também "The Most Beautiful Book Ever Written", de Hayes. É um livro muito bom e sugestivo, exceto em sua bibliografia, que contém uma grande mistura de autores. Vale a pena ler também "Luke the Physician" de Ramsay e "The Medical language of St. Luke" de Hobart, livro antigo mas de perene valor.

V – O EVANGELHO SEGUNDO SÃO JOÃO

O PROPÓSITO

Em contraste com Mateus e Marcos, tanto Lucas como João apresentam a razão por que escreveram seus Evangelhos (**Lucas 1:1-4**). João faz uma declaração definida quanto a seu propósito, a qual tem relação com a composição e o conteúdo de todo o Evangelho, e deve ser considerada com toda a minúcia possível. "*Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome*" (**João 20:31**). Temos aí o propósito definido do autor: "*Estes foram escritos **para que***" – e esse propósito é duplo: (1) produzir crença pessoal no "Jesus" histórico como o Messias (para os judeus) e como Filho de Deus (para os gentios); e (2) levar, pela crença, à posse da vida em Seu nome.

Sete termos nesse versículo caracterizam e resumem o Evangelho. É bom examiná-los com uma boa concordância ou lendo o Evangelho todo e marcando as referências em sua Bíblia.

1. "**Creiais**"². Esta palavra é usada 98 em João, ao passo que apenas 11 em Mateus, 15 em Marcos e 9 em Lucas. A nota dominante da fé soa logo no primeiro capítulo e se acha em toda a parte até culminar na mensagem dirigida ao apóstolo Tomé (20:29).
2. "**Jesus**". Este é o nome histórico, e em nenhuma parte a verdadeira humanidade e o caráter histórico de nosso Senhor são mais claramente apresentados do que neste Evangelho.
3. "**O Cristo**". Este termo, que significa o **Messias judaico**, é um ponto especial, sobretudo em relação aos judeus, na primeira grande seção (caps. 1 a 12).
4. "**O Filho de Deus**". Outro título de Cristo, encontrado no primeiro capítulo e ilustrado através de todo o Evangelho. Talvez nenhum outro título seja encontrado com maior frequência do que "**o Filho**" com o seu termo correlato "**o Pai**".

² Πιστεύω – *Tenhais (G4100): crer, acreditar ou confiar. João não emprega a palavra fé, usa apenas o termo **crer**. Para João, crer é apropriar, viver e ser.*

5. **"Tenhais"**³. Esta palavra é peculiarmente característica de João e sempre indica possessão *consciente* de realidades espirituais: ter e manter, obter e reter.
6. **"Vida"**. A palavra grega (Zoe⁴) sempre se refere à realidade interna e espiritual, em contraste com a expressão externa e visível (Bios). Esta distinção e contraste se podem ver, talvez, em nossa palavra "zoologia" e "biologia". A palavra "vida" ocorre 36 vezes em João, ao passo que somente 7 vezes em Mateus, 4 em Marcos e 6 em Lucas.
7. **"Seu Nome"**. Esta é uma outra expressão característica de João (**1:12; 2:23; 3:18**) e que ocorre não menos de 12 vezes entre os capítulos 14 e 17. O "NOME" sempre significa o caráter revelado e "em Seu nome" quer dizer em união com o que conhecemos a respeito dEle.

Todo o Evangelho está construído sobre as verdades associadas com esses sete termos. E, assim, quando estudamos cuidadosamente o propósito de João, encontramos duas ideias fundamentais: Fato (20:30) e Crença (20:31): a revelação e o registro, a obra e o escrito. A vida de nosso Senhor é contada com o objetivo de ser a base e a inspiração da nossa crença. Cada fato nele tem que ser um fator e, portanto, uma força em nós. Devemos, por conseguinte, estudar este Evangelho de acordo com o seu propósito indicado naquelas sete ideias, e quanto mais detidamente o fizermos, tanto mais claramente veremos como tudo, de começo ao fim, está deliberada e definidamente incluído no objetivo especial que o autor tão claramente enuncia.

O PLANO

O *propósito* de que tratamos acima (20:31) é realmente de acordo com o *plano* definido. Tudo no Evangelho visa alcançar aquele propósito, e um estudo cuidadoso mostrará que nada é supérfluo. Qual é este plano? Podemos nós descobri-lo? Ele consiste na apresentação de Jesus Cristo nos aspectos de Sua revelação que produzem crença nEle. E isto não é feito por meio de argumentação ou mediante filosofia, nem mesmo pela teologia, mas sim pela manifestação de uma **vida**. Temos assim um quadro definido, se bem que compreensivo, de Cristo mesmo como um Evangelho pessoal e prático para o homem. Embora o material usado seja todo histórico, o autor faz uma seleção dos fatos que se adaptam estritamente a mostrar a maneira como Jesus Se revelou aos homens e também a maneira como Ele foi recebido por eles.

Entretanto, lado a lado com esta manifestação de Cristo à crença, aparece o fato, ao mesmo tempo evidente e triste, de que nem todos o receberam, e assim o Evangelho revela uma incredulidade crescente que culmina na rejeição e crucificação de Jesus Cristo. Mostra-se que essa incredulidade provém da profunda pecaminosidade do homem e sua conseqüente alienação de Deus.

³ ἔχω – *Tenhais* (G2192): Ocorre 91 vezes no Evangelho de João. Também significa **segurar, possessão, desfrutar**.

⁴ ζωή – *Zoe* (G2222): Ocorre 36 vezes no Evangelho de João e 13 vezes na primeira epístola (1 João).

Estes dois fatos – crença e incredulidade – são notavelmente salientados pela ocorrência de uma expressão – “os Seus” – em dois lugares (**1:11; 13:1**). Em primeiro lugar, somos informados de que o Seu povo (“os Seus”) não o recebeu porque não o quis fazer (1:11) e em seguida é-nos apresentada a outra classe – “os Seus” que O receberam (13:1).

Assim, podemos dizer que três pensamentos percorrem todo o Evangelho: Revelação, Recepção e Rejeição. Estes pensamentos se acham no Prólogo e, de um modo ou de outro, são a substância de cada capítulo do princípio até o fim.

SETE SEÇÕES

Tendo o propósito do Evangelho (20:31) bem claro na mente e o plano delineado, é necessário agora considerar a maneira como o plano é desenvolvido e o propósito revelado em cada ponto. As principais divisões já foram dadas, a saber (1) **Caps. 1 a 12** – “os Seus”. (2) **Caps. 13 a 21** – “os Seus”. Uma análise mais detida, porém, nos mostra que o Evangelho se divide em sete grandes seções.

1. O Prólogo (1:1-18)

1. Revelação (vss. 1 a 4)
2. Rejeição (vss. 5-11)
3. Recepção (vss. 12-18)

Nesta seção devem-se notar quatro títulos de Cristo: o Verbo; a Luz; a Vida; o Filho. Devem-se considerar a sua ordem e a sua significação.

2. A Revelação do Messias (1:19 a 6:71)

O começo da crença e da incredulidade. Em cada estágio se apresenta uma seleção de cenas em que Jesus se manifesta, e nas discussões das mesmas se salientam o verdadeiro significado e a dupla consequência de sua revelação, resultando, às vezes, em crença e outras vezes em incredulidade.

- (a) A crença começa nos discípulos (**1:19 a 2:12**). Este resultado se deve ao tríplice testemunho de João Batista, dos primeiros discípulos e do primeiro milagre.
- (b) A primeira manifestação pública (**2:13 a 4:54**). Isto inclui Judéia, Samaria e Galiléia, as três principais seções em que a Palestina estava dividida, e constitui o primeiro oferecimento de Si mesmo à nação.
- (c) A crise da manifestação (**5:1 a 6:71**). Esta crise se vê primeiro em Jerusalém (cap. 5) e depois na Galiléia (cap. 6).

Cada parte ilustra o crescimento da crença e da incredulidade, e os sete pontos de 20:31 são todos ilustrados e desenvolvidos nesta seção.

3. O Grande Conflito (7:1 a 12:50)

A incredulidade se transforma em hostilidade ativa e a fé aumenta nos verdadeiros seguidores.

- (a) O começo do conflito (**7:1 a 8:59**). Isso se vê *antes, durante e depois* da Festa dos Tabernáculos.
- (b) A continuação do conflito (**9:1 a 10:42**). Isto inclui o sinal e suas consequências (cap. 9), o Pastor e Suas afirmações, o Filho e Sua consciência (cap. 10).
- (c) A culminação do conflito (**11:1 a 12:50**). Isto se vê no grande milagre (cap. 11) com os diferentes resultados (**11:47 a 12:19**), seguindo-se as cenas finais (**12:20-36**).

Segue-se, então, um comentário final sobre o ministério público (**12:37-50**), apresentando primeiro o julgamento do evangelista e depois o do Mestre. Não havia necessidade de novo testemunho porque a obra pública de Cristo estava terminada. Ele já Se achava no coração de Seus discípulos, como se pode ver no episódio de Betânia; estava recebendo oposição da opinião popular; e havia também indícios de um círculo mais amplo na visita dos gregos.

Deste modo, apresenta-se este epílogo, mostrando ser verdadeira a explicação de Isaías e também serem mais que suficientes as manifestações de Cristo. O resultado se vê nos dois lados: **luz e trevas**. Em tudo isto é importante continuar a notar com grande cuidado como se desenvolve em detalhe nesta seção o propósito apresentado em **20:31**.

4. O Desenvolvimento da crença (13:1 a 17:26)

Vamos dar agora especial atenção à manifestação de nosso Senhor a Seus discípulos, com especial referência à crença que eles revelaram.

- (a) A educação da crença (**13:1-38**)
- (b) A instrução da crença (**14:1 a 16:33**)
- (c) O encorajamento da crença (**17:1-26**)

Podemos também contemplar estes capítulos de um modo um tanto diferente, embora ainda se referindo ao treinamento dos doze: **Cap. 14** – Consolação (crença); **cap. 15** – Instrução (amor); **cap. 16** – Predição (esperança); **cap. 18** – Intercessão (glória).

5. A Culminação da Incredulidade (18:1 a 19:42)

- (a) A Traição (**18:1-11**)
- (b) O Julgamento (**18:12 a 19:16**): eclesiástico (duplo) e civil (sétuplo)
- (c) A Crucificação (**19:17-42**)

6. A Culminação da crença (20:1-31)

- (a) A Revelação do Fato da Ressurreição (**vss. 1-10**)
- (b) A Revelação da Pessoa ressuscitada (**vss. 11-23**)
- (c) A Revelação da Pessoa e do Fato (**vss. 24-29**)
- (d) O Propósito (**vss. 30, 31**)

7. O Epílogo (cap. 21)

- (a) O Senhor Ressuscitado e Comunidade Cristão (**vss. 1-14**)
- (b) O Senhor Ressuscitado e o Cristão Individual (**vss. 15-19**)
- (c) O Senhor Ressuscitado e o Futuro (**vss. 20-23**)
- (d) Conclusão pessoal (**vss. 24, 25**)

O Prólogo e o Epílogo devem ser comparados e contrastados: aquele trata de Cristo antes da Encarnação e este trata de Cristo depois da Ressurreição; o prólogo trata de Sua Primeira Vinda e o Epílogo, de Sua Segunda Vinda. Assim, sobre o fundamento da manifestação de Jesus Cristo, constroem-se os dois grandes fatos e fatores da crença e da incredulidade. Nalguns respeitos, o Prólogo contém todo o Evangelho.

- (a) **1:1-4 // 1:19 a 6:71**
- (b) **1:5-11 // 7:1 a 12:50**
- (c) **1:12-18 // 13:1 a 21:25**

Quanto mais completamente se estudam os detalhes, tanto mais claro se torna como cada parte do Evangelho contribui de algum modo para realização do propósito e está incluído no plano do Evangelho.

UM MÉTODO ESPECIAL

Como um outro método de estudar este Evangelho, são dignas de particular atenção as seguintes sugestões feitas pelo ver. Hubert Brooke, de Londres:

Conforme o indicou um cuidadoso estudante do Evangelho segundo São João, sua forma é muito semelhante ao método de um advogado ao defender uma causa perante o tribunal.

1. Primeiro, as proposições favoráveis e seu constituinte são amplamente apresentadas. Tudo o que ele pretende provar depois é declarado no início. Assim, o capítulo inicial deste Evangelho apresenta todas as afirmações acerca de Cristo: Verdadeiro Deus, Luz da Vida, Revelador do Pai e Batizador com o Espírito Santo, juntamente com outros títulos.
2. Segue-se, então, na defesa do advogado, a longa lista de provas, afirmações das testemunhas, com outras evidências e corroborações, por meio das quais ele prova a sua tese. Assim, neste Evangelho os "sinais" – como são denominados todos os milagres em João – são as evidências que prova mais afirmações acerca de Cristo. Também a palavra "testemunho" e "testificar" ocorrem não menos de 47 vezes, "sinais" 17 vezes e a frase "em verdade, em verdade", 25 vezes.
3. Finalmente, o advogado pede um veredito sobre o caso. Assim também, aqui, o apelo final para a crença na verdade apresentada pelo advogado, para a crença nas suas declarações, encontra o seu paralelo no versículo final do cap. 20, em que se pede o veredito de cada ouvinte e em que se faz a promessa da bênção consequente.

A EXPERIÊNCIA PESSOAL DE JOÃO

Tem-se frequentemente chamado a atenção para o fato de que existe no plano um elemento que atravessa todas as partes do Evangelho. Este é o fator pessoal, muitas vezes claro, outras vezes apenas sugerido, mas sempre real. É como se a seleção do material fosse devida à experiência pessoal do próprio apóstolo, sendo o Evangelho, como o temos agora, um registro progressivo baseado em sua própria vida. É, como disse alguém com razão, a história de "como eu vim a crer e como você também pode crer". Se isto é verdade, então o Evangelho de João destina-se a provocar experimentação por parte de outros e assim resultar, por seu turno, em nova experiência. Este elemento pessoal se pode ver nos detalhes minuciosos do **capítulo 1** e nas referências pessoais de passagens como: **13:23-26; 18:16-27; 19:25-27, 31-37; 20:5, 8; 21:7, 22.**

Tem-se notado também que somente três vezes no Evangelho temos qualquer sugestão direta sobre o autor, mas quando juntamos as três passagens, notamos que elas parecem indicar três fases de sua experiência progressiva:

- (a) **1:38**, o desejo do crente iniciante: "Mestre, onde moras?"
- (b) **13:25**, a inquirição do crente que vai crescendo: "Senhor, quem é?"
- (c) **21:7**, a penetração do crente amadurecido: "É o Senhor".

Parece haver uma correspondência entre isto e a divisão dos cristãos, que João mesmo faz, em três classes: **filhinhos, jovens e pais (1 João 2:12-14)**.

E, assim, ao revermos todo o Evangelho e prestarmos atenção especial ao seu propósito, plano e progresso, vemos como cada parte serve para realizar a intenção do escritor: registrar a manifestação divina de Jesus Cristo e o duplo resultado em serem uns hostis e outros leais a Ele. A Sua afirmação de ser o revelador do Pai e Seu convite dirigido aos homens: "Vinde a mim", ou resultaram em rejeição que culminou na crucificação, ou em recepção, que resultou no clamor: "Senhor meu, e Deus meu!" (**20:28**).

VI – AS RELAÇÕES ENTRE OS QUATRO EVANGELHOS

Depois de termos estudado cada Evangelho de *per si*, é natural que nos esforcemos por estudá-los em conjunto, embora reconhecendo que isto só é possível num sentido muito geral. Há, porém, um método verdadeiramente valioso de estudar a vida de nosso Senhor como um todo e certamente não devemos deixar de fazê-lo.

A obra "A Vida de Cristo" de Stalker e a obra "The Modern Student's Life of Christ" por Vollmer, podem ajudar nesse estudo. Ali aparecem divisões da vida de Cristo que serão de valor para o estudante, que descobrirá ser possível estudar os Evangelhos em conjunto conforme as seguintes cinco divisões:

1. Os 30 anos de preparação;
2. O ano de obscuridade na Judéia;
3. O ano de popularidade na Galiléia;
4. O ano de oposição, que terminou na cruz;
5. A ressurreição e os quarenta dias que se seguiram.

Além dessas linhas gerais, é difícil para o estudante comum ir muito longe na harmonia dos Evangelhos, embora as várias obras dessa natureza o habilitem a ver até que extensão é possível colocar certos incidentes em sua ordem cronológica apropriada, sendo-lhe possível também comparar os registros de qualquer incidente que se encontrem em dois ou mais dos Evangelhos. Como exemplo do que se pode fazer neste particular, é de proveito estudar detidamente os registros sobre o parálítico (em três Evangelhos) e o da alimentação dos cinco mil (em todos os quatro).

É importante observar que, ao passo que cada Evangelho tem seu próprio caráter e propósito, todos eles foram escritos de acordo com o mesmo plano geral, consistindo de uma introdução, do ministério e de uma conclusão. Muitas poucas datas são mencionadas, mas os pontos de transição ou "pivots" são indicados no curso da história. Cinco desses são muito importantes:

1. O Batismo e a Tentação, que marcam o começo do ministério de Jesus.
2. A prisão de João Batista, que deu ocasião ao início do ministério na Galiléia (**João 4:43; Marcos 1:14 e Mateus 4:12**).
3. A alimentação dos cinco mil, que indica o auge do ministério na Galiléia (o único milagre mencionado em todos os quatro Evangelhos). **João cap. 6**.
4. A revelação sobre a Sua morte em Cesaréia de Filipe, revelação seguida pela Transfiguração (**Marcos 8:27 a 9:13; Mateus 16:13 a 17:13**).
5. A entrada triunfal em Jerusalém.

É costume separar os três primeiros Evangelhos do quarto, chamando-lhes de "**Evangelhos Sinóticos**", porque podem ser "vistos juntos" (*syn-opto*) como apresentando virtualmente um quadro idêntico da vida e da obra de Cristo. Mas é muito mais apropriado conservar todos os quatro Evangelhos juntos; como apresentando quatro aspectos da vida de Cristo.

As relações literárias entre os Evangelhos são objetos de grande diferença de opinião entre os eruditos e, embora vez por outra se tenham feito esforços no sentido de harmonizar os Evangelhos num todo, nenhuma dessas tentativas se tem revelado plenamente satisfatória. Dificilmente se encontrarão duas Harmonias que concordem em tudo. Aquilo a que se tem chamado "problema sinótico" não somente permanece sem solução, mas talvez seja insolúvel. Podemos dizer de fato, sem muita divergência de opinião, que uma harmonia real é impossível, porque cada Evangelho tem suas próprias feições características que não podem ser unidas com as dos outros.

Há várias razões de peso para afirmarmos o que fica dito acima. Em primeiro lugar, essas características, que expressam o propósito definido de cada Evangelho, necessariamente ficam perdidos ou são pelo menos ignorados quando se tenta harmonizá-los. Em segundo lugar, os fatos nem sempre são apresentados cronologicamente nos Evangelhos, mas são muitas vezes agrupados de acordo com o assunto. E finalmente – e esse é o fato mais importante de todos – nada possuímos que se assemelhe a um registro completo e bem ordenado das palavras e ações do Senhor Jesus (**João 20:30, 31; 21:25**), e cada escritor foi evidentemente levado a fazer uma seleção de acordo com o seu propósito específico. Não é como se todos os quatro Evangelhos tivessem sido escritos por uma só pessoa, porque nesse caso seria possível considerar e comparar a substância de cada um deles de uma maneira que é impraticável por se tratar de obras de quatro homens. Este fato

mostra a sabedoria de dar primeiro atenção a todos os quatro Evangelhos de uma vez e não a três somente.

Quanto aos pontos principais, existe concordância substancial de que o ministério de Jesus foi exercido primeiro na Judéia (**João 1 a 4**); em seguida foi exercido na Galiléia (a maior parte de Mateus e de Marcos); e depois na Judéia outra vez, terminando com a última semana em Jerusalém, em que se unem todos os quatro Evangelhos.

O seguinte esboço oferece uma breve harmonia dos quatro Evangelhos, até onde eles podem ser harmonizados, embora, como se pode ver nas várias Harmonias, haja muita diferença de opinião entre os autores quanto aos detalhes.

Tudo isto mostra como é importante lembrar que cada Evangelho é estudado melhor separadamente, antes de fazer qualquer tentativa para ver a unidade geral de todos.

Os que querem estudar os Evangelhos em conjunto encontrarão muito auxílio e direção no livro "The Four Gospels" de Redaur, capítulo V: "The Relations of the Gospels to Each Other".

Embora se continuem a fazer esforços para harmonizar os Evangelhos, é provável que o método mais satisfatório de compará-los é aquele que foi sugerido no quarto século por Eusébio⁵, o qual, em adição a certas divisões em capítulos que eram então correntes, arranhou os materiais dos Evangelhos de maneira semelhante ao quadro abaixo:

Ordem dos Acontecimentos	Mateus	Marcos	Lucas	João
O verbo pré-encarnado				1:1-18
Nascimento, infância e mocidade	Caps. 1 e 2		Caps. 1 e 2	
Batismo e tentação	3:1 a 4:16	1:1-13	3:1-22	
Ministério inicial na Galiléia, Judéia e Samaria	4:17 a 16:20	1:14 a 7:23	3:23 a 9:50	1:19 a 4:47
Grande Ministério na Galiléia (Parte I)	16:21 a 18:35	7:24 a 9:30		Caps. 6 a 8
Grande Ministério na Galiléia (Última Parte)	19:1 a 20:17	9:31 a 10:52	9:51 a 18:30	Caps. 9 a 11
Última semana em Jerusalém: morte e ressurreição	20:18 a 28:20	11:1 a 16:20	18:31 a 26:52	Caps. 12 a 21

Embora isso não constitua uma harmonia, ajudará bastante ao estudante, ajudando-o a dar especial atenção aos muitos pontos em que os Evangelhos diferem. Entretanto, como já dissemos, embora haja diferenças entre os Evangelhos, não há discrepância ou contradição, porque cada autor foi levado pelo Espírito Santo a apresentar um retrato especial de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

⁵ Eusébio, bispo de Cesaréia, nasceu em cerca de 270, faleceu no ano 339/340. Sua obra se constitui de livros históricos, apologéticos, de exegese bíblica e doutrinários. Escreveu mais de 120 volumes, a maioria dos quais perdidos, alguns são conhecidos apenas por traduções. Dos originais restam nada mais do que fragmentos. O livro "**História Eclesiástica - Eusébio de Cesaréia**", tem registrado dez livros de Eusébio.

VII – ENSINOS DOS EVANGELHOS

Olhando para os quatro Evangelhos à luz do que o Espírito Santo nos quer ensinar acerca de nosso bendito Salvador em cada um deles, notamos primeiro que o Espírito achou por bem revelar-nos o Senhor no Evangelho de Mateus como o Messias prometido, o Rei de Israel.

MATEUS

Jesus não era apenas o Filho de Davi, mas também o Filho de Abraão. Israel, quer inteligentemente, ensinado pela Palavra e pelo Espírito de Deus, quer ignorantemente, pela incredulidade, estava esperando o cumprimento da Palavra de Deus acerca daquele que havia de vir para trazer-lhe nacionalmente a bênção prometida a Abraão (Gênesis 22:17, 18; Isaías 32:15; Joel 2:28-32). À luz de sua história, como nação e como reino, e à luz da profecia, os seus olhos se tinham fixado na esperança de um Rei vindouro; e é como tal que ele é apresentado na primeira parte do Evangelho de Mateus (**1:1 a 16:20**). Muitos dos judeus parecem não ter entendido claramente que o Filho de Davi havia de ser também o Filho de Abraão, isto é, que aquele que havia de ser o Rei de Israel devia também sofrer, morrer e ressuscitar, de acordo com o tipo que se encontra na cena de Gênesis 22. Somente através de Cristo como o Redentor é que Israel podia ser trazido à sua posição como um reino de sacerdotes, sobre o qual havia de reinar o filho de Davi em poder e bênção.

Cristo tem que ser o Rei da Justiça afim de ser o Rei da Paz, tem de haver desaparecer a inimizade e o inimigo afim de que possa haver um governo de paz. Portanto, Ele tinha que vir primeiro como o Antítipo do filho de Abraão e ser oferecido como sacrifício, de modo que Deus pudesse tratar com justiça o pecado do homem e com justiça salvar os pecadores que cressem (Mateus 16:21 a 28:20; Hebreus 7:1, 2; Isaías 32:1, 17; 45:21; 2 Coríntios 5:18-21; Romanos 4:5 e Gálatas 3:8, 14, 16).

O Senhor fez um sacrifício real a fim de comprar um Reino de sacerdotes em Israel e reinar sobre a terra numa era vindoura, e também um Reino de sacerdotes para governar com Ele em glória, a saber, a Igreja, Sua Noiva e Esposa (Mateus 13:44-46; 27:37; 28:18; Êxodo 19:6; Isaías 60:12; 61:6; Atos 15:14; Efésios 5:25-32; Apocalipse 1:5, 6; 5:10 e 1 Pedro 2:9).

O ensino de Cristo no Evangelho de Mateus é o de um Soberano. Ele ensinou como Aquele que tinha autoridade (Mateus 7:29). Seus grandes discursos nos capítulos 5 a 7, 13, 24 e 25 dão testemunho quanto a esse fato. Nesses discursos ele revela os grandes fatos acerca de seu Reino agora e na era porvir.

Seus milagres de graça revelam Sua soberania tão plena e claramente como o fazem Suas palavras de graça.

MARCOS

Aprendemos no Evangelho de Marcos que o Filho de Deus, como O fiel, junto e poderoso Servo do Senhor, vivei aqui na terra, deu a Sua vida por nós e vive agora em glória para nos servir. Não houve nenhuma necessidade nas almas ou nos corpos dos homens que Ele não suprisse abundantemente. "Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas? (**Romanos 8:32**). A satisfação de todas as nossas necessidades não se encontra no que Ele faz, mas no que Ele é. Cristo é tudo para aqueles a quem Ele serve (Colossenses 3:11). O ensino do Evangelho de Marcos revela aos nossos corações que Ele supre todas as nossas necessidades de acordo com as Suas riquezas e glória (Filipenses 4:19; Efésios 3:8). Estas riquezas se acham nEle mesmo, e ao vivermos nEle, ocupados com Ele, verificaremos que todas as nossas necessidades hão de ser supridas.

Segundo o ensino deste Evangelho, a fé não consiste apenas numa certa atitude do coração para com Jesus Cristo, o Servo de Deus, mas é o nosso coração em contato com o Seu coração, gozando tudo o que Ele é. Este precioso livro nos ensina a conhece-Lo como o Servo que recebeu o sinal apropriado (**Êxodo 21:1-6**) tornando-se por sua morte o Servo de Deus em nosso favor para sempre (Salmos 40:5, 6; Hebreus 10:5-10 e Filipenses 2:5-8).

O ensino do Servo de Deus em Marcos está em harmonia com o seu caráter como Servo e conduz os crentes a uma vida de serviço (**Marcos 1:17; 10:41-45**).

LUCAS

O coração compassivo de Deus nos é apresentado no Evangelho de Lucas. Vemos aqui Aquele que trouxe aos perdidos o conhecimento do amor de Deus para com os pecadores a quem Ele veio salvar. Neste livro o Espírito Santo nos deu a fotografia divina de nosso Parente-Redentor. Nosso Senhor tornou-Se nosso Parente ao tornar-Se a Semente da Mulher. Ele não Se envergonhou de nos chamar irmãos (Hebreus 2:10-12). Embora Filho de Deus, tomou sobre Si a natureza humana, fazendo-se carne, para que pudesse ser nosso Parente. O redentor em Israel tinha que ser um parente próximo (**Levítico 25:25**) e devia ter a capacidade, a disposição ou o desejo de remir. Como a Semente da mulher, Ele é nosso Parente próximo; como Filho do Altíssimo, Ele tem a capacidade de remir (Lucas 1:32; 2 Coríntios 8:9) e como Aquele que nos amou e se entregou a Si mesmo por nós, manifestou o Seu desejo e prontidão para remir-nos (Efésios 5:2). Todos estes fatos são lindamente ilustrados no livro de Rute. Boaz tinha o direito de remir ou resgatar a possessão de Elimelec, porque era seu parente próximo; tinha a capacidade porque era poderoso e rico; e tinha o desejo porque amou a Rute (Rute 2:1; 4:5).

O ensino do Filho do Homem, vindo buscar e salvar os perdidos, revela a sua compaixão para com os pecadores, a qual O levou a morrer por nós.

Nessas mensagens do coração aprendemos que Ele é "benigno até para com os ingratos e maus" (Lucas 6:35); que "os seus muitos pecados lhes são perdoados" (Lucas 7:47); que o samaritano chegou aos pés dEle, e, vendo-o, "moveu-se de íntima compaixão"

(Lucas 10:33); que Ele se moveu de íntima compaixão, e, “correndo o abraçou e beijou” (Lucas 15:20).

JOÃO

O Evangelho segundo São João revela o Filho de Deus no seio do Pai. Ele manteve a atitude de aproximação e dependência do Pai através de toda a Sua vida, serviço e sofrimento (João 1:18; 5:19, 30; 8:29; 13:3 e 16:28).

O Filho Unigênito desceu do céu não para fazer a Sua vontade, mas a vontade daquele que O enviou. A vontade da Daquele que O enviou era que Ele desse vida eterna a todos os crentes, que Ele não perdesse nenhum deles, mas os ressuscitassem no último dia (João 6:38-40).

As palavras do Filho de Deus, como se acham no Evangelho de João, manifestam a vida que se achava com o Pai, a vida eterna concedida a todo aquele que crê no Filho (1 João 1:2 e João 3:36).

Suas palavras falam-nos de Sua morada na casa de Seu Pai e nos indicam, passo a passo, o caminho pelo qual podemos entrar na presença do Pai e no gozo de tudo o que Ele tem para nós ali.

1. O primeiro passo é nascermos de novo (3:3, 6);
2. O segundo é conhecermos o dom de Deus, o Espírito Santo (4:10);
3. Em seguida, sermos curados de nossa incapacidade para o serviço (5:7-9);
4. Depois, sermos alimentados pelo Pão da Vida (6:35);
5. Depois, dessedentar-se com a plenitude do Espírito Santo (7:37-39);
6. Então, termos o coração iluminado pela luz da vida (8:12);
7. Depois, termos os olhos abertos para contemplarmos o Filho de Deus (9:32-38);
8. Em seguida, gozarmos vida abundante (10:10);
9. Depois, contemplarmos a glória de Deus no poder da vida ressurreta (11:40-44);
10. E, finalmente, servirmos a nosso Senhor, banqueteados com Ele e unindo os Seus pés pela comunhão no Seu sofrimento (12:1-3).

O propósito principal da revelação do Filho de Deus é dar vida eterna a todo aquele que nEle crê (3:16, 36; 5:24 e 6:37).

Este livro foi composto e impresso em **Abril de 1953**,
nas oficinas da Gráfica Mercúrio S.A.
São Paulo – Brasil

Rai Barreto

www.RaiBarreto.com.br